



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
INGLÊS E ESPANHOL

RAFAEL FRANCISCO BRAZ

A AUTOBIOGRAFIA NA AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA

CABEDELO

2020

RAFAEL FRANCISCO BRAZ

A AUTOBIOGRAFIA NA AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA

Artigo TCC apresentado ao Curso De Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol– como requisito para a obtenção do grau de Especialista, sob a orientação do Professor Me. José Marcelino Ferreira Junior.

CABEDELO

2020

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

B827a Braz, Rafael Francisco.
A autobiografia na aula de língua espanhola. /Rafael Francisco Braz . -
Cabedelo, 2020.
24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas
Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientador: Prof. Me. José Marcelino Ferreira Júnior.

1. Autobiografia. 2. Língua espanhola. 3. Intercultural. I. Título.

CDU: 929

RAFAEL FRANCISCO BRAZ

A AUTOBIOGRAFIA NA AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA

Artigo TCC apresentado como requisito para a obtenção do grau de Especialista em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol– IFPB – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

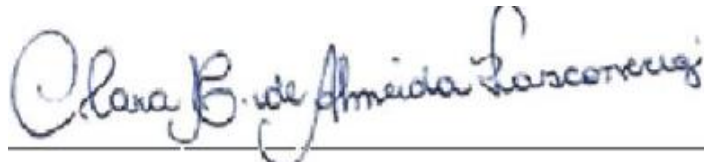
José Marcelino Ferreira Jr.

Prof. Me. José Marcelino Ferreira Júnior
Orientador – SEEC – RN



Professora: Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

Avaliador externo – UEPB



Professora: Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

Avaliador interno – IFPB

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL	09
2.1 O papel do gênero discursivo	10
2.2 Breves palavras da Crítica Feminina	12
3 MÉTODO DA PESQUISA	14
4 RESULTADOS DA PESQUISA	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

A AUTOBIOGRAFIA NA AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA *AUTOBIOGRAPHY IN SPANISH LANGUAGE CLASSES*

Rafael Francisco Braz¹
José Marcelino Ferreira Júnior²

RESUMO

A cultura, a língua e a linguagem desempenham papéis imprescindíveis na construção histórica dos hábitos e costumes que caracterizam uma determinada sociedade e, por intermédio das palavras escritas ou faladas, podemos reconhecer uma época específica e analisar as transformações sociais que ocorreram de lá até os nossos dias. Neste artigo, propomos investigar por um viés intercultural o texto medieval *Las Memorias* (2010), de Leonor López De Córdoba, a primeira autobiografia de língua espanhola. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Cuche (2002), García Martiz *et al* (2007), Paraquett (2010), Marcuschi (2008 e 2010), Halbwachs (2006), Moisés (2004), Le Goff (1990), Zolin (2005), Zinani (2006) e Ciplijauskaitė (1982), assim, nossa metodologia de pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativo. A análise mostrou que a relação do gênero discursivo a partir de uma temática reflete não apenas uma sociedade medieval, mas práticas que acontecem até hoje na sociedade. Doña Leonor, foi uma mulher secular que narrou em sua autobiografia a história de sua vida e dos seus familiares. Ela merece um reconhecimento tanto no que se refere ao gênero, como também de destaque histórico.

Palavras-chave: Autobiografia. Língua espanhola. Intercultural. Cultura.

ABSTRACT

Culture, language and language play essential roles in the historical construction of habits and customs that characterize a given society and, through written or spoken words, we can recognize a specific time and analyse the social transformations that occurred from there until our own days. In this article, we propose to investigate the medieval text through an intercultural Las Memorias (2010), Leonor López De Córdoba the first Spanish-language autobiography. For that, our theoretical foundation is based on Cuche (2002), García Martiz et al (2007), Paraquet (2010), Marcushi (2008 e 2010) Halbwachs (2006), Moisés (2004), Le Goff (1990) Zolin (2005), Zinani (2006) e Ciplijauskaitė (1982), thus, our research methodology is of a qualitative-interpretative nature. The analysis showed that the relationship of the discursive genre, based on a theme that reflects not only a medieval society, but practices that still happen in society today. Doña Leonor, was a secular woman who narrated in her autobiography, the story of her life and that of her family. It deserves recognition both with respect to the genre and as a historical.

Keywords: Autobiography. Spanish language. Intercultural. Culture.

¹ Graduação em Letras – Língua Espanhola - UEPB - Discente do Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol- IFPB.

² Graduação em Letras - Língua Portuguesa - UFRN. Especialização em Literatura e Ensino - IFRN. Mestrado em Estudos da linguagem - UFRN.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da língua(gem), concebemo-la como sendo uma questão particular e, também, de representatividade de um povo, capaz de expressar mensagens comunicativas para o(s) interlocutor(es), por meio de um conjunto de signos linguísticos. Dessa forma, essa entidade linguística é considerada um processo de comunicação, que permite aos usuários de uma sociedade a utilização desse recurso para interação no lugar em que se inserem.

É por meio da e na língua(gem) que se constrói a cultura e, também, a identidade de um povo. Em nossos dias ainda se conserva, de certo modo, o mito de que para saber falar e escrever com excelência, o sujeito social usuário precisa saber ou dominar a gramática da língua. Considerando esse fato, que a língua passa por mudanças em sua trajetória no meio social, isto é, o surgimento das variedades linguísticas torna-a heterogênea e não concentrando a sua uniformidade.

Ancorados nos dizeres de Bagno (2019), Cevalco (2012), Coutinho (2005) e Lyons (1987) com relação à língua, linguagem, cultura e sociedade, entendemos que a cultura contribui muito para que essas transformações na língua ocorram ao longo do tempo, uma vez que ela refere-se ao cultivo de algo em determinado lugar. Nesse sentido, a cultura é consequência de transformações sociais, históricas e ideológicas precisando ser reinventada e trabalhadas de outras maneiras. Com isso, a sociedade adota uma linguagem de aspecto inocente, mas que se reveste de influência.

Para tanto, a língua(gem) metamorfoseada de cultura induz, portanto, a construção da identidade de uma sociedade, representada pelo conjunto de fatores sociais, históricos e linguísticos que fazem com que os sujeitos sociais desenvolvam suas particularidades identitárias. Neste sentido, a identidade é pautada sob o viés de uma autenticidade, demonstrando a essência que o indivíduo carrega dentro de si e, assim, como de toda sua vivência em contato com a cultura e a língua.

Diante disso, a língua apresenta um caráter identitário, marcado pela representatividade introduzida pelas identidades nacionais, que tomam forma por intermédio dos relatos da memória que ora são registro oral, ora registro escritos. Com essa representação, da língua(gem), a partir desse momento, passa a ser vista como um lugar da memória coletiva e, ao mesmo tempo, histórica e individual de um povo.

Portanto, neste artigo, propomos investigar por um viés intercultural o texto medieval *Las Memorias* (2010), Leonor López De Córdoba, a primeira autobiografia de língua espanhola. Percebemos que a língua(gem), a cultura, a identidade de gênero, a história e a memória são construtos representativos, nesta obra *corpus* desta investigação, pois evidenciam a partir da pena de uma mulher a nacionalidade cultural do idioma cervantino.

Vale salientar que, para esta pesquisa, apenas discorreremos sobre o construto da memória que nela encontra-se a trama narrativa, o testemunho de caráter histórico-cultural de Doña Leonor López

de Córdoba (1363 – 1430) que relata, em primeira pessoa, os fatos históricos e pessoal desde o seu nascimento em Calatayud à devastação da peste negra, à destruição dos judeus, ao encarceramento de sua família e à sua relação com Cataline de Lancaster até sua saída de Córdoba.

Doña Leonor López de Córdoba (1363 – 1430) nasceu numa família de nobres no final da baixa idade média numa época, em que Castilla estava vivendo uma desintegração política e social no reinado de Pedro I (1350-1369). Viu todos os membros de sua família serem torturados até a morte, a exemplo do seu pai, ou mortos pela peste negra. Sentiu na pele a traição de Cataline de Lancaster e a humilhação de sair de Córdoba.

Para atingir o objetivo pré-estabelecido, tomamos a metodologia de cunho qualitativo baseamos, em conformidade ao que no diz Severino (2007, p. 122) sobre a qualidade da pesquisa sendo “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”

Sendo assim, justificamos a pesquisa pelo fato de que *Las memorias*, de doña Leonor López de Córdoba (2010), constitui-se como a primeira autobiografia feminina conhecida em língua espanhola que constrói a partir do testemunho do passado toda sua linhagem e, também, os relatos histórico-culturais da Espanha medieval entre os anos de (1363 – 1430) registrando, assim, a existência de uma mulher/escritora numa época que apenas o homem produzia este ofício de escrita.

Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados à luz dos estudos culturais de Cuche (2002), García Martiz et al (2007), Paraquet (2010), Hall (2006). Com relação às questões do gênero discursivo, em Marcushi (2010); sobre a memória individual e coletiva nas análises de Halbwachs (2006), Moisés (2004), Le Goff (1990); e para as questões da crítica de autoria feminina, Zolin (2005), Zinani (2006) e Ciplijauskaitė (1982).

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em quatro unidades, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, apresentamos pontos de discussões sobre o termo cultura baseado em documentos oficiais PCN, OCEM e nos teóricos sobre estudos culturais. Logo após, expomos as breves noções sobre o papel do gênero discursivo.

Ainda nesta unidade, apresentamos brevemente sobre a crítica feminina e, em especial, o caráter de resgate da escrita feminina e, também, uma sessão que traz luz à metodologia utilizada nesta pesquisa. Por fim, na quarta unidade, consideremos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir do dos aspectos da memória e sua relação com a cultura. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizado e as referências usadas nesta investigação.

Esta pesquisa tem um caráter social, visto que abordaremos em nosso trabalho as questões de gênero, identidade e cultura em língua espanhola a partir da abordagem do gênero discursivo autobiografia. Sendo assim, acreditamos que este estudo sobre a memória cultural, seja ela individual,

coletiva e/ou histórica, torna-se relevante por tratar da representatividade intercultural, a partir da voz de uma mulher.

2 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

Vivemos no Brasil, um processo de inovação sociocultural no ensino de língua estrangeira. Este período de mudança cultural no ensino e aprendizagem ocorreu, principalmente, a partir de documentos oficiais que regem a educação brasileira. Referimo-nos aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1999) e às Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (2006) e, como também, à Lei 11.161 (05/08/2005) que sanciona a obrigatoriedade do ensino da Língua Espanhola no Brasil.

Com base nestes documentos oficiais, os livros didáticos de língua estrangeira, em nosso caso os de Língua Espanhola, é importante frisar que “todas as obras que queiram ter o privilégio de ser nesse programa precisam ser produzidas a partir dos documentos que orientam a educação brasileira” (PARAQUET, 2012, p. 390). Nesta linha de pensamento, cabe aos professores e pesquisadores da linguagem selecionar aqueles que privilegiem as bases interculturais, ou seja, que legitimam os aspectos não apenas linguísticos, mas também os de ordem histórica, social, econômica e cultural que possam representar esses interdiálogos, conforme os documentos oficiais supracitados.

Defendemos, portanto, uma perspectiva intercultural para o ensino de língua estrangeira, embasados nas leituras dos documentos educacionais brasileiros - PCN (1999) e OCEM (2006) – de modo que o ensino de um novo idioma propicie ao aluno observar as diferenças culturais que constituem a sistematização do ensino com o múltiplo uso de gêneros textuais e tipologias textuais e que busque formar um cidadão reflexivo, crítico e consciente do seu lugar de fala no mundo contemporâneo.

Para tanto, no que diz respeito à cultura, tomamos como referência básica a perspectiva antropológica de Tylor (1832-1917) que pensava cultura como transmissão de hábitos em um determinado grupo social, pois no argumento de Cuche (2002) afirma que

Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o dinheiro, os costumes e as outras capacidades ou habitar adquirido pelo homem enquanto membro da sociedade (*Apud* CUCHE, 2002, p. 35)

Neste sentido, para Cuche (2002), embasado no pensamento de Tylor (1832-1917), a noção de cultura se revela como consequência dos comportamentos humanos esclarecendo as relações de classe, gênero e identidade e as diferenças entre os homens e outros fatores relevantes que são: a idade, o nível de escolaridade, o contexto socioeconômico, a religião, para citar algumas.

Para os teóricos Stuart Hall (2006) e Homi K. Bhabha (2008), os autores usam o termo multiculturalismo, apresentando a ideia de modernização política, assim, pensando no campo da

linguagem temos uma política geolinguística, ou seja, uma tendência nos estudos sobre linguística cultural que pensa a língua a partir dessas relações de poder, em especial nos falantes do universo hispano-falante variando ora como espanhol peninsular ora hispano-americano.

Para Hall (2006), que discute o termo hibridismos como uma identidade cultural e que não se refere apenas a um único indivíduo híbrido que possa ser tradicional ou moderno, mas como um sujeito em formação, pois está sempre em um processo de construção cultural complexa, isto é, enquanto sujeitos híbridos somos complexos e inacabáveis. Para os autores García Martínez et al (2007) associam à identidade cultural como:

A identidade cultural se refere ao grau em que uma pessoa se sente conectada, parte de um grupo cultural, ao próprio grupo referência no qual cresceu: inclui uma complexa combinação de fatores, tais como auto-identificação, sentido de pertencimento ou exclusão, desejo de participar em atividade de grupo (GARCÍA MARTÍNEZ *et al*, 2007, p. 37)³

Seguindo a linha de pensamento desses autores e pensando, particularmente, no ensino de língua estrangeira moderna a identidade cultural pode resultar em processos de aprendizagens, visto que aprender uma língua seria sair de si para reconhecer o outro. Valendo salientar, nesta pesquisa, que estamos observando o papel da língua num arcabouço histórico cultural e não da identidade de gênero e nem da sexualidade. Por sua vez, a identidade de um indivíduo é, metaforicamente, como um bem patrimonial e que pertence a uma determinada cultura.

Portanto, cultura e identidade podem ser compreendidas em um conjunto mais amplo de produções de um povo, seja consciente ou inconsciente, estético ou não, mas que colabore para a noção de pertencimento.

2.1 O papel do gênero discursivo

Numa apresentação histórico-cultural, os gêneros textuais nasceram a partir das práticas sociais e, assim, por meio da cultura oral das civilizações. No século VIII a.C, se multiplicaram com a escrita alfabética. Logo após, no século XV, se consolidaram com a cultura impressa. Posteriormente, com a industrialização no século XVIII, se ampliaram e com o advento das tecnologias, excepcionalmente, com a internet e seus avanços, os gêneros vêm se multiplicando.

No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje

³ “La identidad cultural se refiere al grado en que una persona se siente conecta, parte de un grupo cultural, al propio grupo de referencia en el que ha crecido: incluye una compleja combinación de factores, tales como autoidentificación, sentido de pertenencia o exclusión, deseo de participar en actividades de grupo” (GARCÍA MARTÍNEZ *et al*, 2007, p. 37) – Tradução livre do autor desta pesquisa.

existentes em relação a sociedades à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 19).

Neste sentido, as definições de gêneros textuais e seus funcionamentos, é afirmada por Marcuschi (2010), a partir da concepção de modalidades, isto é, se é escrito, oral, gráfico, sonoro, dentre outros. A partir dos postulados comunicação e pelo meio do uso, definimos que a fala é oral e sonora, e a escrita é gráfica. Dito isso, cada gênero possui a sua riqueza, e seus elementos, como: o som, a imagem, o modo de uso, o texto, os seus usuários e uma vasta variedade.

A esse respeito, Marcuschi (2010, p. 31) define que “os gêneros, manifestam-se exclusivamente em ambientes virtuais, espaços de produção, e processamento textual que os obrigam, e por vezes os condicionam”. Essa afirmação, é exemplificada por Marcuschi (2010), com os gêneros: videoconferências, chats, podcasts, e-mails, entre outros. Portanto, todos os gêneros que se categorizam-se recentes, algum dia, já foram outro e vão se apropriando com o tempo.

Desse modo, toda atividade discursiva, se dá em textos escritos ou orais, com a presença de semiologias e outras áreas, como a fala, o olhar, os gestos, e elementos gráficos. As produções discursivas são constituídas por eventos de ordem simbólica, que vão além dos recursos linguísticos. A todo modo, a atividade discursiva, situa-se no contexto da fala e da escrita.

Para tanto, podemos relacionar essas atividades com a nossa vida cotidiana, durante o nosso dia, realizamos muitas coisas como, conversar com a nossa família, enviamos mensagens de textos e de áudios, vemos notícias, estudamos, fazemos anotações de uma atividade futura, e assim por diante. Diante disso, percebemos que mesmo a escrita de forma geral, adentrou a sociedade, continuamos falando bem mais do que escrevemos.

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem constantes, pois refletem o dinamismo da língua em funcionamento. Como vimos, isso impede de se postular polaridades estritas e dicotômicas estanques. Seria interessante observar que, até a década de 80 do século XX, poucos se dedicavam aos estudos da relação entre fala e escrita. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 24).

A oralidade e a escrita têm sido examinadas como atividades distintas, analisadas unicamente por aspectos cognitivos. Porém, na contemporaneidade, vemos que é através dos usos sociais que devemos observar as características: “Hoje, [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais”. (MARCUSCHI, 2008, p. 16).

Nesse sentido, o teórico propõe que é a partir de uma ótica social que definimos o homem enquanto representação da fala, e não da escrita. Assim, a fala e a escrita assumem variações e atividades comunicativas do uso real da língua, a depender do contexto, o meio a qual vivemos, o ser social, quando, como, e onde usamos, e compreender que toda a influência determinada pelo o contexto, modifica as condições dessas práticas.

Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso. (MARCUSCHI, 2008, p. 16).

Para tanto, as práticas de leituras e produção textuais compreende em discutir os gêneros discursivos e os tipos textuais. Os gêneros discursivos, se dividem em: argumentação, dissertação, descrição e narração. Esses gêneros, são responsáveis por compor diversas características, com relação a grupos de enunciados distintos, com isso, dizem sobre as suas funções e situações das práticas sociais.

Ao pensamos no gênero autobiografia e associando a definição da própria palavra encontramos de acordo com Moisés (2004, p. 46) a seguinte definição ao termo: do “Gr. *autós*, o mesmo, *bíos*, vida, *gráphein*, escrever. [...] Como assinala a etimologia, trata-se de uma biografia, ou história de uma vida que o próprio autor elabora”.

Em outras palavras, podemos afirmar que esta narração tem o caráter de retrospectiva individual ou coletiva, mas referindo-se a um discurso historiográfico. A autobiografia enquanto gênero do discurso possui duas características particulares: a primeira, o caráter documental dos fatos e a segunda de ser um testemunho de si. No caso de nossa investigação, *Las memorias* (2010), de Leonor López de Córdoba encaixa nessas duas características, mas usando da memória ora individual ora coletiva.

2.2 Breves palavras da Crítica Feminina

Quando decidimos por estudar a obra de autoria feminina, no caso desta investigação - *Las Memorias (2010) de Doña Leonor López de Córdoba* – não podemos deixar de recorrer à crítica feminista, que têm contribuído com estudos e pesquisas sobre o gênero feminino. Da mesma forma, nos preocupamos em analisar como ocorre a construção da identidade por intermédio do gênero discursivo memória.

Desse modo, compreendemos que esses estudos tentam resgatar a memória de autoria feminina e proporcionam uma reflexão sobre o mundo feminino no âmbito literário, haja visto que a escrita feminina tem sido reprimida e sempre foi vista sem relevância.

Com os escritos de autoria feminina, em nosso caso da primeira autobiografia de língua espanhola, e a inserção da mulher na literatura, foi possível aos poucos denunciar que, apesar de uma sociedade muito machista, elas são capazes de realizar tarefas, as quais pertencia a um espaço que era considera de ordem masculina e, também, possuem seu valor intelectual que não devem ser menosprezadas pela sociedade.

O pensamento feminista vem influenciando as diversas áreas do conhecimento e a mulher tornou-se objeto de estudo em diversas esferas, vale salientar que nesta pesquisa o nosso interesse é sobre o gênero discursivo, assim não sendo diferente no âmbito literário e na crítica feminista, pois para pesquisadora Zolin (2005) discorre que:

A crítica literária feminista é profundamente política à medida que trabalha no sentido de inferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhada, voltada para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. [...] implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico, num promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos (as) escritores (as) em relação à convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos. (ZOLIN, 2005, p. 182).

A partir da década de 1960, a mulher começou a ganhar voz e espaço, como afirma Zolin (2005), pois o mais importante de que os movimentos feministas são seus efeitos em diferentes momentos, entre os quais a crítica feminista. Na década de 1970, nos EUA questionando a prática acadêmica masculina/patriarcal.

Os movimentos sociais buscavam quebrar estes paradigmas e descobrir novas maneiras a partir de experiência da mulher como leitora e escritora na qual diferenciasse do gênero masculino. Nessa linha de raciocínio e, de acordo com Zinani (2006), discorre que a

[...] crítica feminista procura definir o sujeito mulher, verificar às práticas culturais através das quais esse sujeito se apresenta e é apresentado, bem como reconhecer as marcas de gêneros que especificam os modos de ser masculino e feminino, além de sua apresentação na literatura. (ZINANI, 2006, p. 259).

Portanto, essa busca da diferença possibilita a aproximação de manifestações histórico-culturais e representações do imaginário de múltiplas vozes, por meio da qual pode concretizar-se a valorização do outro, enquanto portador de conhecimento e vivência.

A literatura de autoria feminina, produzida na América Latina a partir dos anos 70, baseia-se numa profunda indagação sobre as novas identidades femininas e traz ao público a representação de personagens femininos que corporizam novos comportamentos e grandes questionamentos sobre os desejos e as dificuldades das mulheres no âmbito atual. A crítica literária feminista que estuda e reflete sobre a narrativa de escrita por mulheres, desenvolvem alguns novos pontos para a reflexões de como escrevem as mulheres.

Na escritura feminina, o processo de conscientização está ligado as experiências individuais passadas como é o caso da obra *corpus* desta investigação, uma vez que remonta um importante testemunho histórico-cultural, pois Leonor de Córdoba relata não apenas sua vida, desde seu nascimento no ano de 1363 em *Calatayud* até aproximadamente a mudança do século, mas também aborda temas como sexualidade, aborto, maternidade ou a escolha de uma profissão. Desse modo, são

esses os principais temas que as escritoras contemporâneas questionam em suas narrativas, mostrando ao público um novo olhar sobre o universo mulher. Nesta linha de pensamento, Ciplijauskaitė (1982) discorre que a

Consciência através da memória; o despertar da consciência na criança , o que coloca mais ênfase sobre os primeiros anos; totalmente perceber o que é ser uma mulher ; na fase adulta como social e político. [...] Muitos romances contemporâneos do sexo feminino está se movendo de menina para mulher, o que é muitas vezes marcado pela aquisição da memória : um começa a ver o passado - os dias de inocência - com olhos diferentes (CIPLIJAIUSKAITĖ, 1982, p. 37-38).⁴

Podemos, então, considerar que a literatura de escritura feminina que trata de uma temática como as memórias, testemunhos e as lembranças narradas a partir de determinados fatores, neles podemos encontrar narrativas em primeira e/ou terceira pessoa seguida, também, de relatos orais e/ou escritos, registros em diários, cartas, autobiografias e memórias.

Para Halbwachs (2006), a memória está ligada a um grupo, a uma tradição e a uma sociedade que ela se insere. Em outras palavras, seria um fenômeno social e ao mesmo tempo reflete sobre as dimensões sociais e simbólicas da memória individual.

Portanto, sobre esses aspectos de memória coletiva e memória individual podemos observar que se torna necessário que uma reconstrução funcione a partir de dados ou noções que estejam na memória individual e coletiva. Ele, assim, define que se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo.

3 MÉTODO DA PESQUISA

Levando em consideração o que se estabelecem entre os argumentos das autoras Marconi e Lakatos (2003, p. 120) quando afirmam que a pesquisa é “uma atividade contínua, a rejeição e a reformulação das teorias tendem a ocorrer simultaneamente com a observação de novos fatos”, é cabível informar, nesta sessão metodológica que a pesquisa a ser desenvolvida neste trabalho é de cunho biográfico-analítico acerca do objeto escolhido.

Neste sentido, utilizamos a abordagem qualitativa por meio de levantamento e análise bibliográfica para que se possa chegar às respostas para os problemas desta investigação.

Esta pesquisa, portanto, iniciou por intermédio de um levantamento bibliográfico, recorreremos a análise de textos, capítulos de livros, artigos científicos bem como de livros que dão suporte para o

⁴ Concienciación por medio de la memoria; el despertar de la conciencia en la niña, que pone más énfasis en los años juveniles; el pleno darse cuenta de lo que es ser mujer; la moduración como ser social y político. [...] Numerosas novelas contemporáneas femeninas presentan el paso de niña a mujer, que frecuentemente es marcado por la adquisición del recuerdo: un empezar a ver el pasado – los días de la inocencia – con los ojos distintos (CIPLIJAIUSKAITĖ, 1982, p. 37-38). – Tradução livre do autor desta pesquisa.

ensino intercultural nas aulas de Língua Estrangeira Moderna e, neste caso, em Língua Espanhola, para propor uma base conceitual do desenvolvimento desta investigação.

Para esta primeira etapa inicial, realizamos uma leitura sobre o conceito do ensino de língua estrangeira moderna pelo viés da cultura e com base nos documentos oficiais brasileiros PCN, OCEM que regularizam o ensino de língua estrangeira por um viés intercultural.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

O historiador francês Le Goff (1990), em seu livro *História e Memória*, dedicou um longo capítulo ao estudo da evolução do termo memória ao longo da história. Ele iniciou suas reflexões propondo ao leitor um conceito sobre o termo afirmando que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1990, p. 423).

A esse respeito, Le Goff (1990) define o conceito de memória, sumariamente, ao processo de construção da memória, pois a história tem nos demonstrado que a memória apresenta vários significados que ultrapassam as fronteiras, sejam individuais ou culturais, uma vez que quem memoriza e recorda é um indivíduo. Contudo, sendo o homem um ser social, a memória individual estaria diretamente relacionada à memória coletiva.

O ser humano sempre teve curiosidade em conhecer a memória de outros povos e no processo de ensino de uma língua estrangeira o uso de gêneros narrativos como no caso da autobiografia, diários, cartas, confissões dentre outros preservam os vestígios da memória e da marca da ancestralidade de um povo ou de uma língua.

Desse mundo, significa acessar as tradições e os costumes que caracterizam as relações socioculturais de determinadas épocas, o que constitui um desafio para o campo de pesquisa de várias ciências. Para tanto, o interesse pelo passado decorre da necessidade do ser humano em construir referenciais que possam guiá-los a um encontro intercultural que à luz do pensamento de García Martínez et al (2007) discorre:

Interculturalidade significa, portanto, interação, solidariedade, reconhecimento mútuo, correspondência, direitos humanos e sociais, respeito e dignidade para todas as culturas ... Portanto, podemos entender que a Interculturalidade, mais do que uma ideologia (que também é), é percebida como um conjunto de princípios anti-racistas e anti-segregantes com forte potencial igualitário. A perspectiva intercultural defende que, se sabemos, nos aproximamos deles. (GARCÍA MARTINEZ *et al*, 2007, 134)⁵

⁵ Interculturalidad significa, pues, interacción, solidaridad, reconocimiento mutuo, correspondencia, derechos humanos y sociales, respeto y dignidad para todas las culturas... Por tanto, podemos entender que la interculturalidad, más que una ideología (que también lo es), es percibida como uno conjunto de principios antirracista, antisegregadores y con una fuerte potencial de igualitarismo. La perspectiva intercultural defiende que si conocemos, nos acercamos más a ellas. (GARCÍA MARTINEZ *et al*, 2007, 134) – tradução livre do autor desta pesquisa.

Em seu estudo, fica claro que os autores estão a considerar os aspectos filosóficos, ideológicos e políticos, pois não há dúvida que aprendemos e ensinamos línguas estrangeiras com a finalidade não apenas dos aspectos linguístico, mas também todo o processo de evolução da língua.

Com base nessa premissa e considerando os PCN, ao que se refere às línguas estrangeiras, sugerem que “[...] é extremamente educativo expor o aluno à diversidade cultural [...] e à natureza multifacetada de cultura como a francesa, a espanhola, a inglesa. [...] Ressaltando que não faz sentido, por exemplo, considerar o espanhol somente como a língua da Espanha.” (BRASIL, 1998, p. 48-49). O que importa é ensinar línguas como cultura e propiciar o conhecimento de novas culturas, mas com o intuito de transformar este conhecimento em autoconhecimento do outro.

Por outro lado, as OCEM reconhecem a grande dificuldade que o aprendiz de uma língua estrangeira tem para compreender a riqueza cultural, em nosso caso de investigação a língua espanhola, mas o documento sugere que seja de fundamental importância que levemos os alunos a “entender a heterogeneidade que marca todas as culturas, povos, línguas e linguagem e que sejam elas de natureza regional, social cultural ou mesmo de gênero.” (BRASIL, 2006, p. 137).

Neste sentido, partimos dessas justificativas de documentos oficiais PCN e OCEM, que escolhemos tratar do gênero autobiografia de língua espanhola escrita por uma mulher no que se refere às questões culturais, pois em se tratando de um texto literário, pouco usado nas aulas de língua estrangeira e, portanto, ter um discurso autêntico da representação ora da memória individual, como também, coletiva de um povo num determinado momento da história.

Devemos compreender por um viés cultural como surge a palavra memória, conforme o pesquisador Torrano (1995), na *Teogonia* ele discorre que Mnemosine, uma deusa da mitologia grega, filha de Urano, deus do céu e de *Gaia*, deusa da terra, unindo-se a Zeus, ela gerou nove filhas, as Musas, protetoras das artes e da história e para os gregos, a memória era um dom recebido dos deuses. Calíope, musa das epopeias, estimulava a memória dos *aedos*.

O poeta era dotado de memória e inspirado pelas musas, que possuíam o dom de cantar o passado. O *aedo*, por sua vez, representava um papel social: era o guardião dos grandes feitos heroicos, isto é, a sua função era resgatar do esquecimento todos os grandes acontecimentos para preservá-los e transmiti-los através do tempo pela oralidade ou pela escrita.

Lendo *Las Memorias* (2010), de Doña Leonor López de Córdoba, é possível encontramos vários traços de lembranças. A autora, torna o seu leitor cúmplice dos relatos bastante precisos, levando-os a viver momentos reais dos acontecimentos passados.

Doña Leonor López de Córdoba teve a intenção de tornar públicos os relatos da sua vida registrando desde a infância no cárcere com a sua família, a morte injusta e desonrosa de seu pai e, também, de outros membros da família, bem como a perda de seu patrimônio e a sua luta de vida e de perseverança diante de todas as desgraças ocorridas na época.

Podemos compreender que na autobiografia encontra-se divindade em duas partes: primeiro, desde o seu nascimento até a liberação do cárcere, onde ela e os outros membros de sua família passaram 9 anos; depois, no relato da reconstrução de sua vida pós-cárcere até às humilhações e à saída de Córdoba.

Ao iniciar a narrativa, a autora, apresenta a sua alta linhagem e a casa real à qual estava vinculada. Ao falar do estilo, ela busca nas primeiras palavras enunciar a reivindicação genealógica como autoridade necessária para justificar seus relatos da memória. De início, a obra é encabeçada por uma oração, registrando a voz autoral da primeira pessoa que fala:

Eu, Doña Leonor López de Córdoba [...] juro por este significado daquilo que adoro, pois tudo o que aqui está escrito é verdade que o vi e passei por mim e escrevo em honra e louvor de meu Senhor Jesus Cristo e da Virgem Santa Maria, sua mãe que o deu à luz [...] é minha intenção que fique guardando na memória, mandei para ser escrito como vedes. (CÓRDOBA, 2010, 28-29)⁶

Desse modo, são vários os motivos para se querer reviver as suas lembranças, desde o ato de querer apenas expressar essa lembrança através do que se pensou ou, simplesmente, revivê-las de forma contada às lembranças de acontecimentos pessoais que depois se tornam parte da história da Espanha e, principalmente, de Córdoba.

Como enunciamos em sessões anteriores, *Las Memorias* (2010), de Doña Leonor López de Córdoba, correspondem à primeira autobiografia em língua espanhola, pois conforme Serrado Sanz (1975, p. 45) “Um dos escritos femininos mais antigos em castelhano é o chamado Testamento de Doña Leonor López de Córdoba, onde se referia à série de perseguições iníquas que ela e seu marido sofreram por terem sido fiéis em vida e morte ao rei D. Pedro I.”⁷

A autobiografia é definida como o relato, no qual um sujeito faz uma retrospectiva de sua vida pessoal, amparada no princípio de identidade entre autor, narrador e protagonista. O texto autobiográfico e o texto ficcional obedecem às mesmas normas, a diferença entre eles não estão no texto em si, mas no paratexto, ou no compromisso que o autor assume perante o leitor em dizer a verdade sobre si mesmo há um investimento efetivo do destinatário em relação aos eventos narrados.

⁶ Yo, Doña Leonor López de Córdoba [...] juro por esta significancia de en qué yo adoro, como todo esto que aquí es escrito es verdad que lo vi y pasó por mí y escríbolo a honra y alabanza de mi Senõr Jesucristo y de la Virgen Santa María su madre que lo parió [...] es mi intención que quede por memoria, mandelo escribir así como vedes. (CÓRDOBA, 2010, 28-29) - tradução livre do autor desta pesquisa.

⁷ Uno de los más antiguos escritos femeninos en castellano es el llamado Testamento de Doña Leonor López de Córdoba, donde ésta refirió la serie de inicuas persecuciones que sufrieron ella y su marido por haber sido fieles en vida y muerte al Rey D. Pedro I. Serrado Sanz (1975, p. 45) - tradução livre do autor desta pesquisa.

Desse modo, a autobiografia remete a uma forma de superação do modelo historiográfico e do romance histórico tradicional que o ratificou, podendo confundir os limites entre o subjetivo e o objetivo. A memória é problematizada ao longo de escrita, que promovendo a cisão da temporalidade regular, interroga o histórico como processo linear, instaurado, pelo descontínuo. No trecho, descrito a seguir, a autora destaca a morte do irmão Don Lope de López, tentando comover o leitor do sofrimento família que

Cada um de nossos maridos tinha trinta quilos de ferro nos pés. Meu irmão, Don Lope, tinha uma corrente em cima dos ferros com sessenta elos. Ele era um menino de treze anos, a criatura mais linda do mundo. E o meu marido em particular foi metido na cisterna da fome e tendo de seis a sete dias que nunca comia nem bebia porque era primo das senhoras Infantas, filhas do rei D. Pedro: Neste vinho uma pertinência, e morreram todos os meus dois irmãos e meus cunhados, treze senhores da casa de meu pai, [...] meu irmão Don Lope pediu ao prefeito que dissesse a Gonzalo Ruiz Bolante que nos fez muita Caridade e muita honra pelo amor de Deus: Senhor Queira ser sua misericórdia agora, que ele lance estes ferros em mim antes que minha alma vá embora, e que eles não me levem para a margem; A ele deixe-o como um mouro, se estivesse em mim, eu o faria: e nisso sua alma saiu em minhas mãos; Ele era um ano mais velho do que eu, e eles o levaram em uma mesa para o Desterradero como Moro, e o enterraram com meus irmãos e minhas irmãs. (CÓRDOBA, 2010, 37-39)⁸

Diante do enunciado supranarrado, a imagem trágica do relato de Doña Leonor representa parte relevante na construção da memória, uma vez que se liga, diretamente, de forma rápida e imediata, a uma situação passada e tem o poder de retomar situações acontecidas que servem de reflexão para fatos e acontecimentos atuais ou de forma nostálgica e retorno a situações passadas que se deseje reavivar ou tornar-se situação ideal. Para Halbwachs (2006, p. 55) “Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reconhecer as ligações desse objeto com outros que pode ser também pensamentos ou sentimentos.”

A memória faz parte da formação das sociedades seja por textos, discursos e/ou imagens, pois à luz do pensamento de Achard (2010, p. 50), a “memória deve ser entendida aqui no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, de memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

⁸ Y nosos maridos tenían sesenta libras de hierro cada uno en los pies. Mi hermano Don Lope tenía una cadena encima de los hierros en que había sesenta eslabones. Él era niño de trece años, la más hermosa criatura que había en el mundo. Y al mío marido en especial ponían en el Aljibe dela hambre é teniendo seis a sete días que nunca comía ni bebía porque era primo de las señoras infantas, hijas del rey don Pedro: En este vino una pertinencia, é murieron todos mis dos hermanos y mis cunados, é trece caballeros de la casa de mi padre, [...] mi hermano don Lope pidió al Alcayde que nos tenía que dijese a Gonzalo Ruiz Bolante que nos hacía mucha Charidad, é mucha honra por amor de Dios: Señor Alcayde sea ahora vuestra merced que me tirase estos hierros en antes que salga mi anima, é que no me sacasen al desterradero; á el (déjale) como á moro, si en mi fuese yo lo faria: y en esto salió su anima en mis manos; que había El un año más que yo, é sacaronlo en una tabla al Desterradero como á Moro, é enterraronlo con mis hermanos, é con mis hermanas. (CÓRDOBA, 2010, 37-39) - tradução livre do autor desta pesquisa.

A memória individual e/ou coletiva tem seu papel fundamental na construção das sociedades em seus processos históricos, pois é a partir dela que são baseadas experiências, causas e resultados.

Tratar da memória individual e de memória coletiva é tratar de assuntos específicos, ao mesmo tempo imbricados, pois uma memória individual compartilhada pelo mesmo tempo e espaço mesmo que a seja vista pelo indivíduo como sendo única e pessoal, quando associada com lembranças de outros indivíduos que comungam da mesma experiência, torna-se uma memória coletiva.

A memória individual coloca possibilidades mais próximas e nos faz um controle maior de nossas lembranças com possibilidade de julgamento, análise e ação, visto que está nos pertence e é única. Por outro lado, a memória coletiva pertence um grupo, no qual estamos inseridos, mas não possuímos e, contudo, dos fatos abrindo margem para uma verdade maior e que simplesmente acontece.

A memória coletiva é, essencialmente, construída de lembranças passadas compartilhadas por grupos e que não podem ser modificadas ou esquecidas por completo, explica Halbwachs (2006), assim,

[...] quando voltamos a uma cidade em que havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira reconhecê-lo porque ele concordam no essencial, apesar de certas divergências. (HALBWACHS 2006, p. 29).

As marcas das lembranças/memórias estão presentes nos locais mesmo que não se estejam presentes nesses locais ou alguém próximo para contar o que aconteceu, mas o conhecimento amplo de fatos encontrados ao nosso redor ou tempo, como explica Halbwachs (2006, p.30), “Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confunde.”

Na segunda parte de *Las Memorias* (2010), Doña Leonor López de Córdoba narra a reconstrução de sua vida, mas destaca ainda alguns episódio pontuais para memória coletiva, como as mortes pela peste negra, a traição de Cataline de Lancaster e a tentativa de recuperar seu patrimônio confiscado e a humilhação de sair de Córdoba, mas sem perder a fé na Virgem Maria. No entanto, uma das suas maiores decepções foi o distanciamento da rainha Catalina de Lancaster que viu na fé de Doña Leonor práticas de bruxaria, haja vista que ela rezava à Virgem: “Ela orou 66 vezes para oração, seguida por 63 Ave Maria. [...] Cada um de nossos maridos tinha trinta quilos de ferro nos pés. Meu irmão Don Lope tinha uma corrente em cima dos ferros em que ele tinha sessenta elos.” (CÓRDOBA, 2010, 51-52).⁹

⁹ Rezaba 66 veces a oración, seguida de 63 Ave María.

Tal fato, hipoteticamente, poderia talvez justificar o distanciamento, pois crônicas da época medieval comprovam o fato de que a rainha ameaçou à fogueira aqueles que eram acusados de heresia, fato que não será proposto nessa investigação, já que nosso foco de análise é o construto da memória. Doña Leonor relata nas lembranças o que serviu de referencial de conhecimento e faz comum à memória coletiva, de acordo com o que esclarece Halbwachs (2006, p.30) “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”

A memória coletiva proporciona ao indivíduo a possibilidade de participar de duas memórias ao mesmo tempo: a individual que está inclusa no grupo coletivo e a coletiva por si própria. Essa possibilidade concede ao indivíduo o poder de escolher a alternativa que lhe melhor proporcione resultado, principalmente, quando se deseja um resultado mais preciso valendo-se nesse caso da memória coletivo que mostrará um resultado comum e, conseqüentemente, mais preciso.

Para tanto, o olhar sobre a cultura e os Estudos Culturais indica que as funções humanas são informadas, pois conforme o pensamento de Cucho (1999, p. 10) “A noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura.”

Em outras palavras, o conceito de cultura vem se modificando ao longo do tempo e ao passo que esta questão na formação de professores de Língua torna-se necessária a inserção dos temas culturais na sala de LE está ligada à aceitação e a o entendimento de determinadas definições de cultura. A esse respeito, Eagleton (2005) nos faz lembrar que um dos significados mais antigo de cultura está associado ao conceito de lavoura, isto é, de cultivar.

Ancorado, ainda, nos dizeres de Eagleton (2005, p. 11), a cultura guarda múltiplas direções de construções sociais, pois “significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética [...] entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz.”

Doña Leonor, foi humilhada em público, pois todos acreditavam que ela, por intermédio da sua fé pela Virgem Maria havia trazido toda desgraça para cidade. Ela foi comparada como uma mulher maldita e depois de ter pedido tudo, menos a fé, foi posta para fora da cidade sem nenhuma honraria e sim, despreço e outros sentimentos, como se mostra neste trecho de *Las memorias*:

E então quando eles o levaram para enterrar, eu fui com ele. E quando eu estava andando pelas ruas com meu filho, as pessoas gritavam, com pena de mim. E eles disseram: Saíam, senhores, e vocês verão a mulher mais infeliz, indefesa e maldita do mundo, com gritos que perfuraram os céus. [...]; e eles me afligiram tanto para separar você de mim, que eu concedi; e não sei como você o irritou. [...] Com muitas

[...] nosos maridos tenían sesenta libras de hierro cada uno en los pies.

Mi hermano Don Lope tenía una cadena encima de los hierros en que había sesenta eslabones. (CÓRDOBA, 2010, 51-52) - tradução livre do autor desta pesquisa.

lágrimas: Señora, Deus me livre se eu mereci. E assim foi. (CÓRDOBA, 2010, 61-62)¹⁰

Por vivermos num tempo de mudanças, mudam-se, também, as formas e os ritmos da vida: a maneira de pensar, o conhecimento, as possibilidades de acesso à comunicação e as relações interpessoais que são guardados nas memórias coletivas. Para tanto, a educação está imersa a este quadro de modificações e de grandes desafios que a sociedade e as instituições educacionais têm que superar, pois a presença de múltiplas realidades culturais são presentes dentro da sala de aula.

Diante do modelo educacional que vivenciamos, o qual mantém velhas crenças e práticas, pensar em uma educação na perspectiva intercultural é um desafio, principalmente, quando vamos usar dos recursos do passado para reconhecer o presente. Na medida em que o professor assume a complexidade dos fenômenos linguísticos, psicológicos, sociais e culturais que é a linguagem, e tenta trabalhar sobre eles, chegaremos à investigar uma interculturalidade.

A interculturalidade é um conceito que expressa a convivência de várias culturas em um mesmo espaço. Estas culturas tentam dialogar atravessando fronteiras, buscando a intercompreensão e a tolerância. Portanto, o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira estão inseridos nesse contexto de diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos nesse artigo investigar sobre a interculturalidade aplicada no gênero discursivo autobiografia em língua espanhola a partir das memórias coletivas e individuais. Para tal, inicialmente, analisamos brevemente *Las Memorias* (2010), de Doña Leonor López de Córdoba, correspondendo à primeira autobiografia em língua espanhol escrita por uma mulher.

O percurso teórico-metodológico por qual seguimos foi orientado pela seção retórica, proposição ao tema sobre a questão da cultural, do gênero discursivo – autobiografia, apresentação sobre a crítica feminista e o papel da memória coletiva e individual. Desse modo, a partir da análise realizada com trechos do texto em língua espanhola de *Las Memorias* (2010), de Doña Leonor López de Córdoba e cotejado com a teoria de Maurice Halbwachs (2006), assim constatamos que os relatos feitos em primeira pessoa traduzem a memória coletiva e individual da autora que reverbera em assuntos da identidade cultural e de gênero.

Logo, para essa constatação apontou-se também que a escolha do gênero autobiografia faz-nos ressaltar não apenas os aspectos pessoais, culturais e históricos da época, mas também observar que a questão do gênero feminino por meio do uso da palavra escrita é, possivelmente, um resgate não só

¹⁰ y así, cuando lo llevaron a enterrar, fui yo con él. Y, cuando iba por la calles con mi hijo, las gentes dando alaridos, apiadadas de mí. Y decían: Salid, señores, y veréis la más desventurada, desamparada y más maldita mujer del mundo, con gritos que traspasaban los cielos. [...]; y me han afligido tanto para que os aparte de mí, que lo he otorgado; y no sé en qué le habéis enojado. [...] con muchas lágrimas: Señora, no me salve Dios si lo he merecido. Y así me fue. (CÓRDOBA, 2010, 61-62) - tradução livre do autor desta pesquisa.

para literatura da época, mas uma legitimação que a mulher lutava desde épocas remotas pela conquista do seu espaço, assim, analisar os escritos de Doña Leonor de Córdoba contribui não apenas para o estudo de gênero, mas em diversas áreas do conhecimento como a história, a língua e a literatura .

Essa afirmação reforça que as reflexões a partir das memórias coletivas e individuais trazidas na autobiografia de Doña Leonor são reflexões construídas tentando unificar o sentido da vida observados em fragmentos da sua vida materializado no gênero discursivo. Ressaltamos, aqui, que as questões culturais testemunham mudanças ao longo dos tempos e se transformam na sociedade e na educação, chegando a ser o conceito intercultural e demonstrando, também, a participação da mulher no campo das Letras.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a relação do gênero discursivo, a partir de uma temática que reflete não apenas uma sociedade medieval, mas práticas que acontecem até hoje na sociedade. Doña Leonor foi uma mulher secular que narrou em sua autobiografia, a história de sua vida e dos seus familiares. Ela merece um reconhecimento tanto no tocante ao gênero, como também, como de destaque histórico. Compreendemos, então, que *Las Memorias* (2010), de Doña Leonor López de Córdoba é um texto que se pode ler como representação do gênero feminino de língua espanhola. Esperamos que esta proposta possa contribuir para respostas a indagações existentes, assim como, servir de fundamentação e provocação para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ACHAR, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. São Paulo: Pontes, 2010, p. 23-37.
- BAGNO, Marcos. *Que é uma Língua? imaginário, ciência e hipóstase*. In.: **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 2019, p. 189-217.
- BHABHA, K. Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagem, Códigos e Tecnologias. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, 1998.
- CEVASCO, Maria Elisa. *O tema “cultura e sociedade”*. In.: **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 09-25.
- CIPLIJAUSKAITÉ, Biruté. **La novela femenina contemporánea: hacia una tipología de la narración en primera persona**. Barcelona: Anthropos, 1988.
- CÓRDOBA, Leonor López de. **Las Memorias**. Espanha: Asociación Thaumathos Editorial, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Linguagem. Língua. Dialeto*. In.: **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005, p. 21-28.

- CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.
- GARCÍA MARTÍNEZ, A.; ESCARBAJAL FRUNTOS, A.; ESCARBAJAL DE HARO, A. **La interculturalidad: desafío para la educación**. Madrid: Dykinson, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A questão multicultural*. In.: **Da Diáspora: identidades e mediação culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 49-94.
- LE GOFF, Jacques. *Memória*. In.: **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990, p. 419-476.
- LYONS, Jhon. *Linguagem e Cultura*. In.: **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 223-243.
- _____. *Linguagem*. In.: **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 1-22.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz A.; DIONÍSIO, Ângela P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- _____. *Gêneros textuais: definições e funcionalidade*. In.: **Gêneros textuais e ensino**. (Orgs.) DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de educação básica. *Orientação Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Línguas Estrangeira/Espanhol*. V.1. Cap.3. Conhecimento de Língua Estrangeira. Brasília: MEC, 2006, p. 87-124.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projeto, relatório, monografia dissertação e tese**. 4 ed. São Paulo: Elsevier, 2008.
- PARAQUETT, Marcia. *A América latina e matérias didáticas de espanhol como LE*. In.: **Matérias didáticas para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições**. (Orgs.) SCHEYERL, D; SIQUEIRA, S. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 279-304.
- SERRADO SANZ, Manuel. **Apuntes para una biblioteca de escritoras españolas desde el año de 1401 al 1833**. Madrid, Atlas, 1975.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e história na América Latina: representações de gênero*. In.: **MÉTIS: história & cultura** – v. 5, n. 9, p. 253-270, jan./jun. 2006.
- ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica Feminista*. In.: **Teoria da Literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005: 181-202.

_____. *Literatura de Autoria Feminina*. In: **Teoria da Literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Marigá: Eduem, 2005: 275-283.